

**<sup>1</sup>BRINCADEIRA E JOGO, A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL NA PRÁTICA DO EDUCADOR, EDERSON ANTONIO DA SILVA<sup>1</sup>, JOSÉ MILTON DE LIMA<sup>2</sup>, FCT/UNESP de Presidente Prudente, PPG/Educação.**

**RESUMO**

Almejamos, junto a essa pesquisa, e, na análise da produção dos autores representantes da Teoria Histórico-Cultural, uma forma de leitura da realidade da Educação Infantil, que nos permita compreender a Prática Pedagógica do Educador na sua Totalidade concreta e social. A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, configurada como estudo etnográfico ou de caso. Após revisão bibliográfica, realizaremos o trabalho de campo, junto a uma instituição de Educação Infantil de Presidente Prudente-SP. Dada, a característica de nossa pesquisa, realizaremos atividades, tais como, brincadeiras e jogos com crianças da pré-escola, e maternal. Selecionamos a observação particular e coletiva, elas serão adotadas de acordo com as necessidades do experimento pedagógico adotado. Esses experimentos ocorreram em três fases, como segue constatação, pedagógico ou formativo, e, de controle ou constatação. Encerrada a fase de experimentação, selecionaremos e re-discutiremos os dados coletados.

**PALAVRAS CHAVES:** Teoria Histórico-Cultural, Brincadeiras e jogos, Educação Infantil.

**OBJETIVO**

Temos por objetivo compreender, e investigar a multiplicidade da prática do educador, que se valha das brincadeiras e jogos, na Educação Infantil, que dada a delimitação, compreenderemos o período que vai dos dois aos seis anos de idade.

Esse recorte ocorre devido, a nossa preocupação, imediata, com o grupo de crianças que freqüentam as instituições de Educação Infantil, e com os profissionais que participam de seu aprendizado e desenvolvimento, e, em especial, aqueles que adotam o brincar e o jogo enquanto precursor desse processo.

Nossa relação com a Educação Infantil, enquanto Educador data de meados de julho de 2002, onde nos aproximamos de uma instituição de Educação Infantil de Presidente Prudente-SP.

Nesse momento e espaço, percebemos a dificuldade, e, portanto, a complexidade de nossa ação, junto àqueles que ainda estavam por aprender a fala oralizada, essas crianças com idade entre dois a quatro anos, agrupadas segundo a denominação de maternal, e crianças de quatro a seis anos de idade, reconhecidas pelo agrupamento pré-escolar.

Neste momento, apesar de estarmos em fase de formação, não percebemos em nosso currículo uma preocupação, para com aquele profissional que viria a atuar com crianças, nessas condições acima mencionadas.

A formação não tematizava, ao que se refere aos instrumentos de análise, do momento em que as crianças se encontravam, até onde elas poderiam ir, e como poderíamos mediar sua chegada a esse nível. As propostas não se preocupavam com a multiplicidade das vivências dos indivíduos educandos, ou seja, sua realidade.

---

<sup>1</sup> Autor. Prof. Mestrando, Titular de cargo Efetivo junto à Secretária Estadual de Educação. Mestrando em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP, atuação junto à Diretoria de Ensino de Tupã, através do Programa Bolsa Mestrado da SEED/SP. <sup>2</sup> Co-autor/orientador, Prof. Dr. Junto ao Departamento de Educação, e PPGE da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP, Chefe do Departamento de Educação Física da FCT/UNESP de P. Prudente-SP.

Falamos de uma realidade múltipla, e que se constitui na síntese cotidiana de múltiplas determinações, advindas de uma história, logo pré-história. Sua reelaboração ocorre em nível de presente, e passa a ser repensado, em nível de futuro, quando da produção de novos objetos culturais, sendo esses objetos concretos ou abstratos.

## **METODOLOGIA**

Dada à característica de nossa pesquisa, optamos pela metodologia qualitativa, podendo ser configurada como estudo etnográfico, ou estudo de caso.

Essa metodologia vê no pesquisador um importante agente na pesquisa, onde suas impressões sensações configuram-se em dados valiosos à pesquisa.

No estudo etnográfico analisamos uma parte que represente um todo, ou seja, nos limitaremos ao estudo de uma dada instituição de Educação Infantil. Buscaremos reconhecer as especificidades deste local, bem como, realizar generalizações que apresentem a inserção desta realidade no contexto mais amplo que é a Educação Infantil, no estado de São Paulo, no Brasil, e na história da humanidade.

Optamos por uma pesquisa, que se pretenda aplicada, onde seus passos serão; a pesquisa documental, ou revisão bibliográfica, a pesquisa experimental, ou empírica.

De acordo com Mukhina (1996, p. 31), os estudos das crianças nas condições da Educação Infantil realizam-se através de uma série de métodos inter-relacionados, tais como, a observação, a experimentação, os estudos dos produtos da atividade, e as conversas.

Nossas ações ocorreram junto a grupos de crianças que freqüentam instituições de Educação Infantil, optamos por esse grupo, dado nosso envolvimento com esse grupo, e dado o fato de as brincadeiras e jogos, apesar de suas possibilidades, não contarem com um profissional que tenha consciência das possibilidades dessas atividades.

Realizamos mais um recorte, onde serão incorporadas ao trabalho apenas as crianças com dois a quatro e de meados de quatro a seis anos de idade, as quais são agrupadas no primeiro caso sob a denominação de maternal, e no segundo por pré-escolares.

Optamos por abordar os grupamentos formados pela instituição, atribuindo ao nosso trabalho de pesquisa, uma proximidade à realidade dos Educadores, que já atuam profissionalmente nessas instituições. Essa opção se deu, devido à nossa intenção colaborativa, seja enquanto, estudantes e pesquisadores, ora como agentes na mudança dessa realidade, ou Educadores.

Nossas incursões, junto ao nosso grupo foco, ocorreram com base no método experimental, apontado por Mukhina (1996, p.p. 17-19) como, pedagógico comum, ou de constatação, pedagógico, ou formativo, de controle, comum, ou de constatação.

Apresentamos, nesta pesquisa, a brincadeira e o jogo enquanto atividades que possibilitam avanços significativos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças, quando mediadas por um adulto.

Adotaremos o chamado grupo de controle, ou grupo de constatação. Este grupo será composto por crianças na faixa de seis a oito anos, as quais, ainda não tiveram esse tipo de vivência, junto às brincadeiras e jogos, ou que não tenham passado por uma instituição de Educação Infantil, ou, por não ter em casa pessoas que potencializem esse aprendizado e desenvolvimento.

## **BREVE HISTÓRIA DA BRINCADEIRA E DO JOGO**

Para Elkonin (1998), o jogo surge apenas quando a sociedade humana atinge um nível de desenvolvimento, dos meios de produção, que inviabilize a participação da criança, de

forma que, ela passe a correr riscos, ou, não consiga mais desempenhar a atividade, devido à complexidade desta.

A relação da brincadeira e do jogo aqui passa a ser vista estreitamente relacionada com a atividade produtiva do grupo.

A criança que brinca, o faz com objetos que conservam características estéticas do objeto real, usado agora pelo adulto, e que não possibilita alcançar os mesmos resultados.

O adulto confecciona esse tipo de instrumento como que numa ação educativa de preparação da criança, ou numa “pré-paração” para a vida adulta.

Aqui, como aponta Leontiev (1988, p. 119), a satisfação de sua própria existência não se torna uma ação característica do brinquedo usado pela criança, ou seja, não estamos falando de uma atividade que tenha um olhar no produto de sua atividade, mas sim no processo em que essa se desenvolve.

Diferente dos jogos lúdicos dos animais as brincadeiras das crianças não é instintiva, mas sim, precisamente humana.

Para Leontiev (1988, p. 120) essa atividade objetiva, ao se constituir na base da percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos, determina o conteúdo de suas brincadeiras.

Esse mundo dos objetos não se limita aos objetos que constituem o mundo ambiental próximo da criança, dos objetos com os quais ela pode operar, e de fato opera, mas também os objetos, com os quais, os adultos operam, mas a criança não é capaz de operar, por estarem ainda além de sua capacidade física.

Para a criança neste nível de desenvolvimento físico, não há ainda atividade teórica abstrata, e a consciência das coisas, por conseguinte, emerge nela, primeiramente, sob forma de ação. Onde, podemos concluir que, uma criança que domina o mundo que a cerca é a criança que se esforça para agir neste mundo.

O mundo dos objetos humanos revela-se ainda à criança de uma maneira extremamente ingênua. O aspecto humano aqui aparece para a criança na forma da ação humana com essas coisas, e o próprio homem surge para ela como o dominador das coisas que age nesse mundo objetivo.

Até agora viemos numa linha que aponta o papel dos objetos no aprendizado dos novos indivíduos, as crianças. Esse aprendizado ocorre num dado espaço, o qual são rodeados por sujeitos culturais, os adultos.

Para tanto, não falamos aqui de uma relação mecânica e linear de aprendizado e desenvolvimento, onde baste que apresentemos, ou deixemos as crianças junto aos objetos da cultura, seja, abstratos, ou materiais.

Contudo, a atividade mediada pelo outro envolvendo objetos e caracterizada como brincadeira quando de sua predominância imaginativa, ou como jogo quando da predominância de regras. E aqui apontaremos o outro como, o adulto, a criança mais experiente, o Educador.

Chamamos essas atividades, de brincadeira, e, de jogo, atividades principais, tomando essa caracterização não por dados estatístico, mas sim, por uma defesa da importância dessas atividades na mudança no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho da transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ELKONIN, Daniel, B. **Psicologia do Jogo**, São Paulo, Martins Fontes, 1998.

MUKHINA, Valéria, **Psicologia da Idade Pré-Escolar**, Martins Fontes, 1996.

VIGOTSKI, Lev Seminovich; LURIA, Alexander, R.; LEONTIEV, Alex. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Trad. Maria da Penha Vilalobos, São Paulo: Ícone, 1988.